

Proletários de todos os países: UNI-VQS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

**O PCP  
E OS PROBLEMAS DA  
SEGURANÇA EUROPEIA**  
(Doc. da Com. Política do CC)  
pág. 4

**COMBATER  
O OPORTUNISMO!  
RETOMAR  
A INICIATIVA!**

A par dos esforços que democratas de alguns dos principais distritos desenvolvem para reanimar as estruturas do movimento democrático e reactivar através delas a iniciativa política antifascista, persistem as tendências oportunistas que se manifestam em certos sectores da Oposição no que respeita, nomeadamente, às chamadas «eleições» para a Presidência da República.

Já em Janeiro, («Avante!» nº 437), o nosso Partido apontava a necessidade de submeter essas tendências a uma crítica combativa e anunciava desaprovando qualquer iniciativa de apresentação de uma candidatura da Oposição.

Tratando-se, pura e simplesmente, de uma forma de designação fascista, de um «cozinhado em família», as chamadas «eleições» para a Presidência da República não apresentam para o movimento democrático outra possibilidade de aproveitamento que não seja desmascarar perante o povo esse processo fascista de designação.

Projectos (como um de que se fala) em que elementos oposicionistas apareçam associados ou a apoiar «liberalizantes» e «desiludidos» do regime e gentes da SEDES na iniciativa de apresentação de uma candidatura de «oposição» à designação do «Presidente da República» não servem, com certeza, os objectivos do movimento democrático e da luta antifascista, servem, sim, os designios do fascismo.

Longe de «apfundar» as contradições do regime, como alguns pretendem, a concretização de um tal projecto representaria, da parte dos oposicionistas que nele colaborassem, uma atitude de capitulação tendente a entregar, de facto, a direcção da luta antifascista aos fascistas «dissidentes» e a polarizar em torno deles a oposição ao fascismo.

O movimento democrático não pode ficar indiferente perante semelhante projecto.

**Impõe-se dar-lhe público combate.**

**Impõe-se reafirmar claramente os objectivos da Oposição Democrática e demarcar com nitidez as fronteiras que a separam do regime e dos que colaboram com este.**

**Impõe-se redobrar os esforços para alargar e reforçar a unidade antifascista, não fechando as portas a ninguém que se disponha a lutar pelas reivindicações democráticas nas posições da Oposição.**

**Impõe-se «trabalhar arduamente» para que o movimento democrático «retome a iniciativa política e para que a acção política se exprima em lutas de massas.»**

**CONFIRMAM-SE AS PREVISÕES DO «AVANTE!»  
1971 — O maior surto inflacionista do após-guerra  
Astronómico défice da balança comercial**

Só agora o Instituto Nacional de Estatística publicou os índices de preços no consumidor referentes a Dezembro de 1971, assim como os números provisórios respeitantes ao Comércio Externo do mesmo ano.

Estes elementos confirmaram e ultrapassaram até as prudentes previsões feitas pelo «Avante!» que alguns consideraram, no momento, «pessimistas».

**Inflação galopante em 1971**

Efectivamente, escrevia-se no «Avante!» de Janeiro de 1971: «É de admitir como altamente provável que o ano de 1971 se venha a caracterizar por uma sú-

bita e drástica subida de preços, como aconteceu em fins de 1968 e primeira metade de 1969». Já no «Avante!» de Dezembro 1971, embora se pudesse apenas analisar a subida dos preços de Janeiro a Agosto, se demonstrava que tal previsão se estava a confirmar plenamente. Agora podem já comparar-se as subidas dos índices (médios) de preços verificadas em 1969 (ano que tinha sido o de maior subida geral de preços desde o fim da 2ª guerra mundial) e 1970, com a subida de mesmo índice desde Dezembro de 1970 a Dezembro de 1971. O quadro seguinte mostra o que se passou:

**Percentagem de subida dos preços**

	1969	1970	1971
LISBOA	8,8%	6,4%	15,4%
PORTO	10,1	4,9	13,2
COIMBRA	8,2	3,8	14,4
ÉVORA	5,6	6,9	12,5
VISEU	4,6	6,3	15,9
FARO	6,6	4,7	20,0

Apesar de tais índices, manipulados pelo Governo, estarem longe de exprimir a realidade, a conclusão que se pode tirar é a de que 1971 foi, de longe, o ano de maior subida de preços desde o fim da 2ª guerra mundial. Não se trata já da inflação rastejante incrementada com o começo das guerras coloniais, nem da inflação aberta iniciada em 1965-66 que atingiu a mais elevada expressão em 1969. Agora estamos já em presença de uma inflação galopante que dia a dia aumenta a miséria relativa e absoluta das classes trabalhadoras, que dia a dia provoca sacrifícios e sofrimentos sem conta a milhões de portugueses. Os últimos meses do ano foram particularmente desastrosos para os orçamentos familiares em algumas regiões do país. Basta dizer-se que no Porto, por exemplo, o índice que tinha subido 5% nos primeiros 8 meses do ano, subiu mais 10%, só nos últimos quatro meses. E, embora não haja elementos oficiais confirmativos, todos os trabalhadores sabem que este ritmo infernal e insuportável tem continuado nos primeiros meses deste ano.

Perante uma tal situação que tende, sem dúvida, a agravar-se, a luta por melhores salários e contra a carestia da vida é, para muitos, a luta contra a mais negra miséria, a luta pela própria

sobrevivência. A intensificação das lutas reivindicativas nas empresas e também nos Sindicatos é o caminho imediato que à classe operária e a todos os trabalhadores se oferece para fazerem recuar o patronato e o governo na sua política de feroz exploração e exploração dos trabalhadores.

**O crescente défice da balança comercial reflecte a crescente incapacidade da economia portuguesa**

A principal causa desta vertiginosa subida dos preços é, sem dúvida, como o Partido Comunista tem demonstrado, as despesas com as criminosas guerras coloniais.

Mas as guerras coloniais são também o maior entrave ao desenvolvimento da economia nacional. Devido principalmente às guerras coloniais, tudo indica que o ano de 1971 foi mais um ano de quase estagnação na indústria e de estagnação ou até de retrocesso na agricultura. Ora, na medida em que se não desenvolvem as forças produtivas nacionais de modo a fazer face às necessidades de consumo da população e de investimento, os défices da balança comercial portuguesa são cada vez maiores e atingem cifras que bem revelam a falência de toda a política económica do governo de

Marcelo Caetano.

Também neste aspecto se confirmam inteiramente as previsões do «Avante!». Efectivamente, ao analisar o défice da balança do comércio externo dos primeiros 6 meses desse ano (únicos números até então publicados), embora nessa altura o défice da balança comercial fosse apenas de 7 milhões e 25 mil contos, escreveu o «Avante!» de Dezembro de 1971: «É possível que este défice venha a atingir no fim deste ano os 20 milhões de contos!». Na realidade, este défice que nos anteriores anos do Governo marcelista de 1968, 1969 e 1970 tinha já atingido as volumosíssimas cifras de cerca de 12 milhões, 13 milhões e 18 milhões de contos, atingiu agora, segundo os números acabados de publicar, a astronómica quantia de 21 milhões e 248 mil contos!

Como se vê, não foi o «Avante!» que foi «pessimista» nas suas previsões. É a política do Governo fascista de Marcelo Caetano que conduz inevitavelmente o país para a mais negra situação.

Lutar até pôr fim às criminosas guerras coloniais e derrubar o governo fascista é a única saída que o povo português tem para fazer face a tal situação.

**«Um comunista português na Guiné libertada»**

Com este título, acaba de ser editada a reportagem feita em 1971 por um correspondente de Rádio Portugal Livre nas regiões libertadas da Guiné-Bissau.

Dado o interesse geral que suscitou a sua transmissão bem se justifica a sua publicação num folheto. A reportagem «UM COMUNISTA PORTUGUÊS NA GUINÉ LIBERTADA» dá um panorama vivo da luta do povo da Guiné-Bissau, da sua coragem e da sua confiança e de como começa já hoje a construir as bases do futuro Estado independente e progressivo.

Esta viagem de um membro do Partido Comunista Português tem um extraordinário significado político. Ela testemunha a amizade, a solidariedade fraternal e a confiança recíproca existente entre os comunistas portugueses e o movimento de libertação nacional, neste caso o PAIGC, solidariedade e confiança que são actualmente a mais elevada expressão política da identidade dos interesses do povo de Portugal e do povo da Guiné-Bissau em luta contra um inimigo comum: o fascismo e o colonialismo português.





## Luta estudantil

### AÇÕES DE MASSAS

#### Contra a repressão e a provocação fascistas

Nos meses de Fevereiro e Março tiveram lugar importantes acções de massas estudantis.

Em **Lisboa**, os estudantes de Letras protestaram com greve de dois dias (8 e 9/III), seguida a cem por cento, contra o encerramento das instalações da Comissão Pro-Associação; os estudantes de Direito protestaram com greve de um dia contra o encerramento da Associação; os estudantes de Agronomia fizeram um dia de greve como protesto contra as afirmações racistas de um professor (Valente de Almeida) que disse numa aula que tal como os adubos também os homens negros são inferiores aos brancos.

Em **Coimbra**, mais de 1.000 estudantes manifestaram-se nas ruas da cidade (15/III) contra uma tentativa provocatória de fascistas e em apoio das suas reivindicações associativas: «Abertura da AAC!», «Eleições!».

No **Porto**, numa concentração, 400 estudantes liceais exigiram a abolição de castigos aplicados a colegas e gritaram as suas reivindicações associativas.

Lutas pedagógicas em várias escolas, como a greve prolongada dos estudantes do 1º ano de Direito de Lisboa; lutas em defesa do Movimento Associativo, como a concentração de 150 estudantes de Medicina do Porto pela abertura da Associação; acções de apoio aos estudantes presos, como a Assembleia Geral de Agronomia de Lisboa de solidariedade ao estudante José António Ribeiro Lopes, a presença de grande número de colegas no seu julgamento e a distribuição à população, nas vizinhanças do Tribunal, de um comunicado contra a repressão — são mais algumas acções estudantis importantes, verificadas neste período.

Deparando, embora, com uma firme resistência, o governo de M. Caetano e as autoridades académicas não desarmam na sua tentativa para dominar pela violência o movimento estudantil. No espaço de um ano foram encerradas 6 Associações de Estudantes, as duas últimas sob pretextos fúteis. Todas as forças repressivas são chamadas a intervir nas escolas. Os continuos são cada vez mais uma corporação policial. As autoridades académicas servem-se agora dos mais absurdos motivos para suspender e instaurar processos disciplinares aos estudantes.

Esta sistemática ofensiva repressiva tem sido, em grande medida, facilitada pela actividade desagregadora de alguns dirigentes estudantis que, a coberto de um verbalismo pretensamente revolucionário, torpedeiam a unidade estudantil e a resposta conjunta à repressão, fazendo, assim, objectivamente (em alguns casos subjectivamente também) o jogo do fascismo.

Não poupano esforços na defesa das Associações, utilizando todas as direcções de actividade que contribuam para cimentar a unidade, alargar a base do movimento, reforçar a organização e elevar a vontade combativa das massas — a autêntica vanguarda estudantil será capaz de levar os estudantes a enfrentar com sucesso os planos repressivos do governo e dar um novo impulso à luta estudantil.

A criação, em Janeiro, da União dos Estudantes Comunistas, (UEC), abre mais seguras perspectivas à concretização destes objectivos, como a experiência dos seus primeiros passos demonstra já.

## APOIO INTERNACIONAL

### À LUTA DO POVO PORTUGUÊS

**NA URSS:** — A Cruz Vermelha Soviética enviou à sua congénere portuguesa um telegrama pedindo para tomar medidas junto das autoridades para reclamar a libertação de Rogério de Carvalho, telegrama que foi publicado no jornal «Pravda».

Uma declaração de protesto foi publicada pelo C.C. do sindicato dos trabalhadores do Estado da URSS (3 milhões de membros, dos quais 300.000 bancários) contra a repressão em Portugal e em especial contra os dirigentes sindicais D. Cabrita e Maria Júlia dos Santos.

Em vários comícios realizados recentemente em Moscovo pioneiros e juventude soviéticos manifestaram mais uma vez a sua solidariedade com a luta dos comunistas, da juventude e do povo português contra o fascismo e pela liberdade. Entregaram prendas para os filhos dos presos as escolas N.ºs 171-33-23-44-168-51-35-40-26-29 e 57, todas do bairro Lénine. Milhares de estudantes de várias escolas de Moscovo assinaram documentos de protesto contra a vaga repressiva em Portugal e pela libertação dos presos políticos.

Protesto do Comité das Organizações Juvenis e do Conselho Estudantil, publicado no jornal «Konsomolskaia Pravda», contra a repressão em Portugal, com referência especial ao julgamento dos estudantes de Lisboa.

Declaração do Comité das Mulheres Soviéticas, lida nos programas da Rádio Moscovo e publicada nos jornais contra a vaga repressiva, especialmente contra as prisões torturas e julgamento de mulheres. «As mulheres soviéticas — dizia a declaração — tal como todos os soviéticos, voltam a declarar a sua solidariedade às mulheres portuguesas e exigem decididamente a cessação da repressão e a libertação dos presos».

Numa carta dirigida aos seus «Queridos amigos portugueses!» os pioneiros da escola n.º 716 de Moscovo dizem:

«Nós não podemos permanecer silenciosos enquanto houver amigos nossos que são torturados, assassinados e atirados para prisões. Nós sabemos quantas desgraças trazem as guerras. E não podemos olhar calmamente para as lágrimas das esposas e mães dos vos os camaradas».

**NA BÉLGICA:** — No passado dia 21 de Janeiro, por iniciativa do Comité Portugal, cerca de 40 organizações democráticas subscreveram e tornaram público:

- 1) a sua solidariedade activa aos democratas portugueses presos;
- 2) a condenação vigorosa do regime português, responsável de prisões arbitrarias e das torturas sofridas pelos democratas portugueses;
- 3) a exigência da libertação imediata de todos os presos políticos;
- 4) o apelo às organizações democráticas belgas para informar

a opinião pública da violação sistemática dos direitos do Homem em Portugal; apoiar concretamente os presos políticos portugueses e suas famílias; condenar o regime ditatorial de Lisboa e opôr-se ao seu acesso à «Comunidade Europeia» (Mercado Comum).

Assinaram este apelo, entre outras organizações: O Partido Comunista da Bélgica, o Partido Socialista da Bélgica, Associação Internacional dos Juristas Democratas, Juventudes da Federação Geral dos Trabalhadores da Bélgica, União Belga para a Defesa da Paz, J.O.C., União Nacional dos Estudantes Comunistas, Juventude Socialista da Bélgica, Juventudes Comunistas, Juventude das Paróquias da Flandres, Comitês Anticolonialistas, Juventudes Protestantes, Estudantes Socialistas, Organizações Humanitárias, Cercle du Libre Examen da Universidade Livre de Bruxelas, etc.

Por iniciativa do Comité Portugal, Liga Belga para a Defesa dos Direitos do Homem e Associação Internacional dos Juristas Democratas foi também publicado um dossier documentado sobre a repressão sindical, sobre os métodos da PIDE-DGS, nomeadamente sobre as torturas infligidas aos democratas António Gervásio, José Pedro Soares, Daniel Cabrita, Dionísio Martins, João Camilo e José António Lopes.

Para assistirem ao julgamento dos dirigentes sindicais D. Cabrita, Manuel Candeias e outros, deslocaram-se a Portugal numerosos observadores estrangeiros representando a CGT francesa, os Sindicatos Belgas, a Associação Internacional dos Juristas Democratas, a Liga dos Direitos do Homem e também a Amnistia Internacional.

O Comité Francês Pelas Liberdades Democráticas e a Amnistia em Portugal enviou um telegrama ao presidente do tribunal protestando contra as prisões e as torturas e pedindo a abolição de D. Cabrita, Manuel Candeias e de outros democratas perseguidos.

«UNITA», órgão central do P.C. italiano, no seu número de 30 de Janeiro e «L'HUMANITÉ», órgão central do P.C. Francês, em números sucessivos do mesmo mês, desmascararam a onda repressiva fascista em Portugal, as torturas aos presos salientando ambos em particular o bestial tratamento a que foi sujeito o jovem operário José Pedro Soares, os processos-farsa, as pesadas condenações aplicadas aos trabalhadores e democratas portugueses.

## TRABALHADORES AFRICANOS EM PORTUGAL

O número de trabalhadores africanos, em Portugal deve já atingir cerca de 15.000. Com a política de emigração dos trabalhadores africanos, os capitalistas e o governo fascista têm objectivos diversos: fazer face à escassez de mão-de-obra resultante da emigração anual para o estrangeiro de mais de 100.000 trabalhadores portugueses; introduzir mão-de-obra a baixo preço para concorrer com os trabalhadores portugueses, permitindo assim pagar mais baixos salários e fazer frente à luta reivindicativa dos trabalhadores; introduzir uma diferenciação dos trabalhos menos qualificados, reservados aos trabalhadores africanos, e fomentar um espírito chauvinista no proletariado português. Deslocando de Cabo Verde milhares de trabalhadores aí sujeitos a uma miséria atroz, o governo procura criar-lhes a ilusão de uma «solução» no quadro do Estado português.

Há que fazer frente com decisão a esta política e aos proble-

mas que coloca a vinda para Portugal de trabalhadores africanos.

Face à exploração do capital, os trabalhadores portugueses e africanos, formam uma única classe, o proletariado. Trabalhadores portugueses e africanos estão interessados em lutar conjuntamente por melhores salários contra o capital. Em relação à exploração dos trabalhadores africanos, longe da sua terra, sujeitos a situações discriminatórias, os trabalhadores portugueses devem manifestar-lhes constante solidariedade e transmitir-lhes a sua experiência de luta.

Na luta contra o capital, não há africanos e portugueses, pretos e brancos, mas apenas trabalhadores.

Por outro lado, os trabalhadores portugueses, nas suas relações com os trabalhadores africanos, devem tornar sempre claro a sua oposição ao colonialismo português e o seu respeito pelos direitos dos povos respectivos à autodeterminação e à independência,

### Edições «Avante!»

Com o título «Encontro da R.P.L. com Álvaro Cunhal», as Edições «Avante!» acabam de editar um folheto sobre a ampla troca de ideias do Secretário-Geral do nosso Partido com os camaradas que trabalham na R.P.L. e que esta transmitiu sob a forma de entrevista a 29 de Janeiro e dias seguintes.

Está também em circulação uma edição da R.P.L. sobre o mesmo encontro.





## Quantias recebidas dos amigos do Partido

A.J.A. 100\$00 Escriturário  
 A juventude vermelho 30\$00  
 está e lo P 20\$00 F.Vicente 140\$00  
 A UEC com Família  
 o P. 100\$00 amiga 10.600\$00  
 Abaixo a guerra Ferreira  
 colonial 2.100.00 Soares 100\$00  
 Abaixo os Ferroviciários  
 pides 20\$00 vermelhos 70\$00  
 Abel Idem 100\$00  
 Salazar 2.000.00 Franc. Miguel 100\$00  
 Agostinho Georgette  
 Saboga 250\$00 e Sofia 500\$00  
 Id. 70\$00 Guilherme Car-  
 Id. 6.124\$00 lho (I) 100\$00  
 Atentejo em Id. (II) 100\$00  
 luta 4.600\$00 Ildido Es-  
 Alerta traba- teves 50\$00  
 lhadores 7.000.00 Jaime  
 Alvorada Serra 20\$00  
 Vermelha 100\$00 Jean  
 Amigos do Moulín 700\$00  
 Sul (V) 3.000.00 José Fon-  
 Aniversário do P. 50\$00 tana 1.932\$00  
 Assim se tempe- José  
 ra o aço 45\$00 Silva 2.000\$00  
 Bento Ca- Jovens Verm.  
 raça 2.000\$00 (P) 2.125\$00  
 Id. 1.000\$00 Kruçado Po-  
 Bento Gon- temhim 280\$00  
 calves 1.000\$00 Lenine 20\$00  
 Id. 1.000\$00 Lib. Ant.  
 Id. 124\$00 Gervásio 250\$00  
 Blanqui Id. 472\$50  
 Teixeira 310\$00 Lib. p.A. Ger-  
 Bula 500\$00 vásio 10\$00  
 Campo Lib. de im-  
 2 mil 4.600\$00 prensa 100\$00  
 Célula J. Lima ver-  
 Gregório 100\$00 melha 1.000\$00  
 César (I) 50\$00 Luta ideo-  
 Com Lenine ven- lógica 170\$00  
 ceremos 20\$00 M. R. da  
 Com os cam- Silva 500\$00  
 poneses 60\$00 M. R. Silva  
 Comerciante (R) 12.670\$60  
 antifasc. 300\$00 Maria 120\$00  
 Contos Marx-Engels-  
 Vermelhos 20\$00 -Lenine (P)  
 D. Miranda 2.125\$00  
 Idem 2.000\$00 Max Rodrigues  
 Idem 100\$00 (D) 120\$00  
 Democrata Matens 500\$00  
 Vermelho 80\$00 Militão  
 Democrata (L) Ribeiro 200\$00  
 eerm. 10\$00 Mulher anti-  
 Dimitroff 350\$00 fascista 50\$00  
 Dum fato de Natal de  
 macaco 1.200\$00 71 130\$00  
 Ens. soc. 230\$00 Id. 270\$00

Id. 2.000\$00 Gomes 1.000\$00  
 Natal (F) 75\$00 Santos 600\$00  
 Nova Luz 200\$00 Sementes verm.  
 Oferta de no espaço 25\$00  
 Natal 690\$00 Sempre com  
 Operário de o P. 500\$00  
 Alparça 50\$00 Serra Verme-  
 Operário lha I 2.000\$00  
 (T) 150\$00 Simpatizante q.  
 Operários Ver- deseja ser mi-  
 melhos 101\$50 litante 100\$00  
 Para Secretaria- Sindicalistas,  
 do (S) 8.000\$00 dec. 20 (2º)  
 Pela lib. e pela 10.000\$00  
 paz (lista 2-B) Solidariedade  
 202\$50 400\$00  
 Pela bib. dos Trab. em França  
 presos poli- q. não se esquece  
 ticos 470\$00 do PCP 250\$00  
 Peto fortalec. Uma amiga  
 do P. no Ribate- (4 meses) 40\$00  
 jo 600\$00 Unidos c/o  
 Pires Jorge P. 1.660\$00  
 370\$00 Vietnam heroi-  
 Português em co 35\$00  
 França amigo Id. 20\$00  
 PCP 200\$00 Vítimas do Tar-  
 Ribatejo verme- rasal 1.250\$00  
 lho 1.000\$00 Vitória  
 Rogério Car- (R) 1.000\$00  
 valho 300\$00 Viza o socia-  
 Rui Luís tismo 50\$00  
 1 emblema 100\$00

**TOTAL: 113.772\$60**

**RECEBEMOS DO COMITÊ DAS MULHERES SOVIÉTICAS 10 relógios como solidariedade às mulheres portuguesas. Também os PIONEIROS SOVIÉTICOS têm oferecido relógios, objectos de âmbar e outros.**

**RECTIFICAÇÃO:** No «Avante» de Dezº em vez da rubrica «Catarina Eufemia» 73\$00, deve ler-se: «Catarina Eufemia (F.M.)» 73\$00

**NOTA:** De Paris enviaram-nos 200 F. para os presos políticos que fizemos seguir para o seu destino.

**CAMPANHA 50º PCP**

Transporte 50º PCP 70\$00  
 1.285.690\$60 Abaixo o fasc.,  
 50º an. Lib. pº A. Viza 50º an. Gervásio PCP 4.255\$00  
 1.590.00 Para o 50º an. 10.000\$00  
 50º an. PCP RCP 1.301.823\$60  
**TOTAL: 1.301.823\$60**

# SEMPRE EM LUTA Contra a exploração!

Lutando contra a intensificação da exploração capitalista, recorreram a

**Paralisações**

— os operários da secção de tecelagem da **SITENOR** (Matozinhos), durante 1/2 hora, por não terem sido aumentados em Janeiro;

— os operários vidreiros da **FÁBRICA MANUEL PEREIRA** e da **VICRES** (Marinha Grande), em sinal de protesto contra as condições do Acordo Colectivo de Trabalho, os primeiros durante todo o dia 28 de Janeiro e os segundos durante 3 horas e meia. Realizando reuniões, os operários vidreiros da **FÁBRICA ELIAS & PAIVA** (Alcobaça) solidarizaram-se com estas acções;

(Torres Vedras) que se recusaram a receber 26 dia e alcançaram os 30 dias a que têm direito:

— os operários da **FRANCISCO A. SILVA** (T. Vedras), que se recusaram a receber depois do toque do apito, só o fazendo na 2ª feira seguinte, depois de pegarem no trabalho;

— os operários da **ESMALTAL** (Porto), cuja disposição combativa forçou o patronato a recuar nas suas manobras para alterar o horário semanal de trabalho;

— 200 operários da secção de montagem da **SIDERURGIA NACIONAL** (Seixal) contratados pela Sepsa do Porto, que num abixo-assinado reclamaram o pagamento dos 30 dias estipulados no Contrato Individual de Trabalho;

— cerca de 40 jovens operários da **VOLVO** (Porto), reivindicando aumento de salário e a revisão das suas categorias;

— 110 operários da **BASCOK WILCOX PORTUGUESA** (Porto) protestando contra a má qualidade da comida servida na cantina da empresa.

## Greve às horas extraordinárias

— cerca de 1.000 operários da **ELECTRO CERÂMICA** (Gaia), exigindo o fim deste sistema de exploração;

— o pessoal da limpeza das ruas (Amadora), por aumento de salário;

— os operários da **FÁBRICA HIPÓLITO** (Torres Vedras) e da **SERRALHARIA JOÃO GOMES DUARTE** (Senhora da Hora), por as horas extraordinárias não lhes serem pagas de acordo com a lei;

## Outras acções

— os operários da **EMPRESA INDUSTRIAL DE CHAPELARIA** (S. João da Madeira) que após uma diligência de uma comissão junto da gerência, impuseram o pagamento do salário quinzenal e em dia fixo;

— os operários da **FOR-ESTE** (Torres Vedras) que se recusaram a receber 26 dias e alcançaram os 30 dias a que têm direito;

— os operários da **FRANCISCO A. SILVA** (T. Vedras), que se recusaram a receber depois do toque do apito, só o fazendo na 2ª feira seguinte, depois de pegarem no trabalho;

— os operários da **ESMALTAL** (Porto), cuja disposição combativa forçou o patronato a recuar nas suas manobras para alterar o horário semanal de trabalho;

— 200 operários da secção de montagem da **SIDERURGIA NACIONAL** (Seixal) contratados pela Sepsa do Porto, que num abixo-assinado reclamaram o pagamento dos 30 dias estipulados no Contrato Individual de Trabalho;

— cerca de 40 jovens operários da **VOLVO** (Porto), reivindicando aumento de salário e a revisão das suas categorias;

— 110 operários da **BASCOK WILCOX PORTUGUESA** (Porto) protestando contra a má qualidade da comida servida na cantina da empresa.

Com a repressão patronal — despedimentos, suspensões, ameaças de despedimentos, ameaças de despedimentos — os exploradores da **SITENOR** e da **SIDERURGIA NACIONAL** conseguiram através momentaneamente a justa luta dos trabalhadores. A repressão atinge apenas alguns, mas é dirigida contra todos. Todos, e não um só, devem, pois, erguer-se contra ela.

A solidariedade operária é a arma de combate que deve estar presente em todas as lutas. Só unidos, firmes e solidários, os trabalhadores poderão fazer recuar a exploração e a repressão de que são vítimas!

## Comemorando o 8 de Março

Assinalando a passagem desta data histórica, as mulheres democratas levaram a cabo numerosas iniciativas em vários pontos do País.

**Lisboa:** Convívio com mais de 100 pessoas, colóquios em Queluz e Sacavém, uma sessão de convívio com perto de 100 estudantes, a Faculdade de Letras, então em greve;

**Vila Franca de Xira:** coló-

quio com cerca de 100 pessoas e distribuição de um documento em V. Franca, Sacavém e Moscavide;

**Porto:** colóquio com cerca de 70 pessoas;

**Cova da Piedade:** colóquio com perto de 60 pessoas;

**Coimbra:** uma comissão de mulheres distribuiu um comunicado sobre a data nos mercados, à porta de algumas fábricas e nos meios democráticos. O mesmo foi lido e comentado num convívio com perto de 300 pessoas; jantar-convívio com cerca de 25 estudantes, na maioria raparigas.

No **Barreiro;** o colóquio que as mulheres se preparavam para levar a cabo foi proibido pela GNR e pelo governador-civil.

Nestas acções, as mulheres manifestaram a sua preocupação ante o aumento constante do custo de vida, o prosseguimento das guerras coloniais, a situação dos presos políticos. Dando provas de determinação combativa decidiram pôr em prática várias iniciativas, nomeadamente acções de solidariedade às mulheres vietnamitas, às mulheres das colónias portuguesas e a Angela Davis. Por iniciativa das mulheres, pouco antes fora enviada uma exposição com 700 assinaturas ao ministro dos negócios estrangeiros e à Embaixada norte-americana reclamando a libertação definitiva de Angela Davis.

## CONTRA O PARASITISMO DOS GRÉMIOS RESISTENCIA CRESCENTE DOS CAMPONESES

Culminando uma luta de vários meses, os camponeses da região de Aveiro, em Fevereiro passado, recusaram-se a entregar o leite nos postos de recolha da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre-Douro e Mondego, passando a entregá-lo nas salas de ordenha recentemente criadas pela sua cooperativa.

Esta acção desmascarava o parasitismo da Federação, a qual não se conformando em ver assim reduzidas as suas chorudas receitas, chamou a GNR em seu socorro. Esta foi recebida com uma onda de protestos. As ameaças policiais os camponeses responderam que preferiam deitar o leite na valeta a entregá-lo à Federação.

Ante a firme resistência dos camponeses, a GNR teve de abandonar o local.

Para consolidarem a sua vitória, os camponeses de Aveiro não podem deixar enfraquecer a sua combatividade e vigilância contra todas as manobras e pressões a que os tubarões dos laticínios, com Martins & Rebelo à frente, e acobertados pelo governo, não

deixarão de recorrer, na mira de aumentarem os seus desmedidos privilégios à custa da miséria e da ruína dos pequenos camponeses.

Os camponeses do concelho de Viseu recusam-se a pagar as taxas ao Grémio da Lavoura.

Recorrendo a represálias, os parasitas do grémio montaram processos que foram entregues ao tribunal de Trabalho de Viseu, o qual está procedendo a numerosas penhoras. Alfaias agrícolas, carros de bois e outros objectos indispensáveis ao arranjo das terras têm sido penhorados.

Apesar de tudo, os camponeses não se deixaram vergar continuando a recusar o pagamento das cotas. Uma mulher foi presa por este motivo. Logo o povo se manifestou em massa, tentando impedir a prisão, mas a GNR, de armas apertadas, conseguiu arrancar a mulher do local, mantendo-a presa vários dias.

Para levarem a vencida a sua justa luta, os camponeses de Viseu devem actuar unidos, continuando firmemente a recusar-se a pagar as cotas, enviando exposições ao governo, fazendo concentrações junto do tribunal de Trabalho e do governador civil de Viseu.

## UM MILITANTE OPERARIO QUE DESAPARECE

Acaba de falecer, em Paris, onde se encontrava imigrado há vários anos, o velho militante do movimento operário português, **Gabriel Pedro**. Várias prisões, longos anos na fortaleza de Angra do Heroísmo e no Tarrafal, onde foi perseguido ferozmente pelos carcereiros fascistas, não venceram a sua coragem e combatividade revolucionárias.

Muito acidentada, a sua vida esteve sempre ligada à luta dos trabalhadores.

Gabriel Pedro, morreu militando nas fileiras do P.C.P., com ele lutou até ao último momento da sua vida.

Realizado no dia 3 de Março, o seu funeral constituía uma sentida homenagem dos seus amigos e companheiros de luta.





# O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS E OS PROBLEMAS DA SEGURANÇA EUROPEIA

1. A luta pela paz e a segurança na Europa regista notável desenvolvimento. Numerosas iniciativas internacionais estão em curso. De 2 a 5 de Junho próximo, terá lugar em Bruxelas uma «Assembleia de representantes da opinião pública pela segurança e a cooperação europeias», para cujo sucesso trabalham as forças democráticas e pacíficas.

O Partido Comunista Português considera oportuno reafirmar as suas posições em relação aos problemas da segurança europeia.

2. *O desanuviamento e a paz na Europa, a coexistência pacífica entre estados com regimes sociais e políticos diferentes, são do interesse de todos os povos, a começar pelos próprios povos europeus. A tensão internacional e um reacender da guerra fria só aos imperialistas poderiam aproveitar. Por isso, os círculos mais agressivos do imperialismo, tendo à sua frente os Estados Unidos e a OTAN procuram multiplicar os obstáculos a todos os acordos e iniciativas tendentes ao desanuviamento e à paz na Europa e designadamente à realização da Conferência Europeia dos Estados.*

*São sintomáticos os esforços dos reanichistas alemães para impedirem a ratificação pelo Parlamento da República Federal Alemã dos tratados concluídos com a URSS e a Polónia, segundo os quais são reconhecidas as fronteiras resultantes da 2ª guerra mundial e a sua inviolabilidade. Se tais esforços fossem coroados de sucesso, um sério golpe seria dado nas perspectivas de segurança e paz na Europa.*

*A coexistência pacífica, o desanuviamento e a paz na Europa, afastarão os perigos de conflitos e consolidarão a paz mundial. Criarão também condições favoráveis à construção do socialismo e ao reforço dos países socialistas, em que os trabalhadores de todos os países e os povos em luta contra o imperialismo estão vitalmente interessados, e à luta dos povos dos países capitalistas europeus pela democracia, a independência nacional e o socialismo.*

3. O povo português está directamente interessado no desanuviamento e na paz na Europa.

A ditadura fascista portuguesa tem beneficiado e desejaria poder continuar a beneficiar da tensão internacional. A ajuda dos países da OTAN representa um papel de primacial importância na manutenção da ditadura fascista em Portugal e na continuação da guerra colonial contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Uma política imperialista na Europa fundada na consigna da «ameaça soviética» seria aquela que melhor serviria o fascismo e o colonialismo português, que, afirmando, como afirma, defender, na Europa e em África, a «civilização ocidental» «contra o comunismo», encontraria nela uma base propícia ao recebimento de um auxílio militar mais directo, maior ajuda financeira e mais firme apoio diplomático.

Ao contrário, o desanuviamento e o estabelecimento de um sistema de segurança na Europa criarão maiores dificuldades internacionais ao regime fascista português.

4. *O PCP tem defendido e continua a defender que a luta pela segurança e a paz na Europa está ligada à luta pela democracia e a independência nacional e contra a política de exploração, dominação e guerra coloniais conduzida por países europeus noutros continentes. Dependentes do auxílio externo do imperialismo, os regimes fascistas são bases do imperialismo e instrumentos da sua política agressiva.*

*No caso português, a ditadura fascista cede o território nacional para a instalação de bases militares estrangeiras, entre as quais se destaca a grande base aérea norte-americana das Lages, nos Açores, e secunda todos os actos de agressão do imperialismo.*

*O militarismo e a agressividade do imperialismo andam de par com tendências antidemocráticas, com correntes reacionárias, com o ressurgimento de grupos fascistas e neo-fascistas em estados de democracia burguesa.*

*A dominação económica da Europa pelos Estados Unidos, a presença de tropas norte-americanas na Europa, assim como a dominação de pequenos países pelos países imperialistas europeus mais desenvolvidos, afectam gravemente a independência de numerosos povos e são factores de instabilidade e de conflitos nas relações internacionais.*

*A dominação colonial e neo-colonialista do imperialismo europeu noutros continentes constitui também uma constante limitação e um constante perigo para a paz e a segurança na Europa.*

*No que respeita a Portugal, a guerra que os colonialistas conduzem contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, a sua política de provocação e agressão em África, de que é testemunho a agressão contra a República Democrática da Guiné em Dezembro de 1970, contém os germes de conflitos internacionais graves, com eventuais incidências na própria segurança europeia.*

*O mesmo sucede, com reforçada razão, com a política de exploração e dominação dos povos africanos pelo imperialismo inglês, francês, oeste-alemão, além do norte-americano e outros.*

*Por tudo isso, a luta pela paz e a segurança está estreitamente ligada à luta pela extinção dos últimos regimes fascistas na Europa e pela defesa e alargamento das liberdades e direitos democráticos em todos os países, à luta pela verdadeira independência nacional de todos os povos europeus, à luta contra o colonialismo e o neo-colonialismo.*

5. Em relação a Portugal, o PCP sublinha a necessidade de que a luta nos países europeus pela segurança na Europa, pela coexistência pacífica entre regimes sociais e políticos diferentes, seja acompanhada pela intensificação da solidariedade activa para com a luta do povo português contra a ditadura fascista.

O PCP sublinha também que o governo fascista conduz três guerras coloniais, que numerosos estados africanos cortaram as relações com Portugal e que a luta contra o colonialismo português se trava

também no terreno diplomático. É de lutar pelo embargo geral de armas e matérias primas estratégicas ou outros produtos que sirvam os objectivos da guerra colonial e pela cessação de todas as formas de auxílio e apoio ao fascismo e ao colonialismo português. A mobilização da opinião democrática nos países capitalistas europeus e a pressão neste sentido sobre os governos respectivos são de particular importância.

O PCP considera entretanto como irrealista e como tendendo a transferir as tarefas do próprio povo para estados estrangeiros e para o campo diplomático, a ideia de provocar o «isolamento económico» de Portugal e de poder levar estados imperialistas a boicote internacional do regime fascista português, assim como de outros regimes fascistas. Se tal «isolamento» e «boicote» fossem apenas decretados pelos países socialistas, isso não criaria, pelo menos no caso português, quaisquer dificuldades sérias ao regime fascista, privaria o nosso povo de importantes factores favoráveis à sua luta e enfeudaria ainda mais Portugal ao imperialismo.

6. *O PCP considera que o desenvolvimento das relações culturais, turísticas, desportivas, económicas da URSS e outros países socialistas com Portugal enfraqueceria as posições do fascismo e seria mesmo, nas condições actuais, favorável ao desenvolvimento da luta do povo português.*

*Isso explica aliás que a ditadura fascista tenha sempre procurado e continue procurando isolar Portugal dos países socialistas. Relações de Portugal com os países socialistas, embora limitadas, traduzem o fracasso da política externa fascista baseada no anticomunismo e um sucesso das forças da democracia e do socialismo.*

*A luta pelo desenvolvimento das relações de Portugal com os países socialistas, com exame atento das suas modalidades, é uma forma de luta contra o fascismo e o colonialismo.*

7. *Nos últimos anos, acompanhando, por um lado, o agravamento da crise geral do capitalismo e das suas contradições internas, e, por outro lado, o reforço do sistema socialista, têm-se fortalecido as forças da paz na Europa e as correntes favoráveis ao desanuviamento internacional.*

*A consequente política externa da URSS e as suas iniciativas diplomáticas, a acção dos outros países socialistas, a luta dos povos europeus, representaram nesta evolução um importante papel.*

*A ratificação dos tratados da URSS e Polónia com a RFA, o reconhecimento da República Democrática Alemã e a admissão dos dois estados alemães na ONU serão grandes passos no caminho da criação de um novo clima das relações internacionais na Europa, abrindo caminho para o estabelecimento de um sistema de segurança colectiva, que ponha termo à existência de blocos militares.*

*A luta por um tal sistema de segurança não é apenas tarefa da diplomacia dos países socialistas, mas de todas as forças pacíficas e progressistas.*

8. O PCP considera a prevista Conferência Europeia dos Estados como um acontecimento político de alta importância, em que estão interessados todos os povos.

O governo português tem tomado uma posição negativa em relação à realização da Conferência, porque sabe que o desanuviamento na Europa e o termo da política dos blocos militares serão um golpe na sua política fascista e colonialista. Por isso, secunda activamente os círculos mais reacionários e agressivos do imperialismo que procuram sabotar a realização da Conferência.

A opinião de alguns sectores democráticos portugueses, segundo a qual a justa posição seria a oposição à participação na Conferência do governo de M. Caetano, por não representar o povo português, tende objectivamente, não só a favorecer e a facilitar a posição do governo português, como a facilitar eventuais manobras internacionais para que governos fascistas, porque ausentes da Conferência, pudessem eximir-se ao cumprimento das decisões nela tomadas e pudessem converter-se assim em lugares privilegiados para continuarem instaladas bases agressivas do imperialismo.

A posição justa das forças democráticas é desmascarar a posição provocatória do governo em relação à Conferência e pressionar e, se possível, obrigar o governo a participar nela e a subscrever e a cumprir os acordos favoráveis à paz que nela venham a ser acordados.

Esta posição é aquela que melhor desmascara e põe em cheque os propósitos do governo em relação à Conferência e que tira melhor partido da evolução da situação na Europa para criar dificuldades ao prosseguimento do fascismo português e da guerra colonial.

O PCP tem por certo que, apesar da sua arrogância actual, o governo fascista será obrigado contra a sua vontade a participar na Conferência, quando ela se realizar. Isso significará uma séria derrota da sua política de provocação internacional em aliança com os círculos mais reacionários e agressivos do imperialismo.

Tais são as ideias fundamentais que o PCP entende dever expressar em relação aos problemas da segurança europeia. Elas correspondem aos profundos interesses do povo português na sua luta contra a ditadura fascista, contra o colonialismo português, contra o imperialismo, na sua luta pela democracia, a paz e a independência nacional.

A conjugação de esforços e a acção democrática no sentido indicado são uma exigência do momento actual.





# NOVAS VITÓRIAS DA LUTA LIBERTADORA DOS POVOS DE ANGOLA, GUINÉ E MOÇAMBIQUE

## XIII CONGRESSO DO P.C. ITALIANO

— Em Moçambique, os combatentes da FRELIMO alargaram a sua acção à margem sul do Zambeze. A sul do eixo Montepuez—Porto Amélia, a sul de Mecanheas, nos confins da zona oriental do Niassa, a sul e a oriente do Zambeze—tal como afirmava o presidente da FRELIMO na sua mensagem de 25-9-71 aos combatentes deste movimento e ao povo moçambicano— cresce a fogueira que devora o colonialismo, que cada vez mais atinge as zonas sensíveis do inimigo».

— Em Angola, a acção político-militar dos patriotas do MPLA, segundo declarações, em meados do ano passado, do presidente deste movimento, já então se tinha estendido a 10 distritos, incluindo Luanda, Cuanza Norte, Huíge, Zaire, Malange, Moxico, Quando-Qubango. Recentemente, a luta libertadora do povo angolano propagou-se ao sul do país. Com efeito, os cuanhamas, (povo que ofereceu maior resistência à dominação colonialista e que só na segunda década deste século foi dominado), passaram à acção, engrandecendo desta forma a luta libertadora do povo angolano.

— Na Guiné, a operação chamada «Safira Solitária», tão insistentemente apresentada como uma vitória colonialista, foi uma tentativa falhada dos colonialistas para retomar a região libertada de Mórés, sob o controlo do PAIGC desde 1964. Depois de descrever a acção, na qual participaram «vários contingentes da tropa colonial, totalizando cerca de 800 homens», um comunicado do PAIGC afirma que «a tropa colonial foi posta em debandada, depois de ter sido obrigada a chamar em seu socorro aviões de reacção e helicópteros para evacuar os mortos e os feridos». A «vitória» cantada pelos altos comandos colonialistas traduziu-se assim em 102 soldados mortos e várias dezenas de feridos e no suicídio do comandante que dirigiu a operação.

— Uma missão especial nomeada pela Comissão de Descolonização da ONU partiu com destino a algumas das regiões libertadas das colónias portuguesas. Esta nova prova do crescente prestígio do MPLA, PAIGC e FRELIMO pôs fora de si os fascistas-colonialistas. Ameaçando com as possíveis consequências de tal iniciativa, «em relação às quais o governo português «declina toda e qualquer responsabilidade», o representante de Portugal nas Nações Unidas não esconde as criminosas intenções dos fascistas-colonialistas. Nada os fará recuar para apesar de desmascarados pelos factos, continuarem a gritar que a existência de regiões libertadas em Angola, Guiné e Moçambique é pura invenção dos patriotas...»

Com efeito, através de conferências de imprensa, filmes e reportagens de numerosas individualidades de vários países—escritores, cineastas, jornalistas,

etc.—e de representantes de organizações progressistas nacionais e internacionais, a opinião pública internacional tem sido informada acerca do entusiasmo, abnegação e tenacidade com que as populações de Angola, Guiné e Moçambique, sob a orientação do MPLA, PAIGC e FRELIMO estão construindo uma nova vida nas regiões libertadas. Um grupo de médicos soviéticos acaba de regressar duma missão de serviço nos hospitais de regiões controladas pelo PAIGC, algumas das quais também haviam sido visitadas por um comunista português, enviado da Rádio Portugal Livre. Uma delegação da Federação Democrática Internacional das Mulheres visitou uma das regiões angolanas libertadas pelo MPLA. Uma equipa de cineastas suecos, com a missão de produzir programas para a televisão sueca, e três membros de movimentos anticolonialistas e anti-imperialistas dos Estados Unidos visitaram e filmaram ultimamente a vida do povo moçambicano em regiões libertadas pela FRELIMO.

### Aumenta a solidariedade internacional aos patriotas e às populações

Uma onda de solidariedade internacional desenvolve-se à volta dos patriotas e das populações em luta.

Cresce a ajuda multiforme dos países socialistas, posta frequentemente em destaque pelos patriotas. Nos países capitalistas, toma maiores dimensões o auxílio humanitário às populações. Sob a pressão da opinião pública internacional e das forças progressistas dos seus países, alguns governos capitalistas e organizações de massas tomam medidas que enfurecem os colonialistas portugueses.

Na Dinamarca, o ministro dos negócios estrangeiros anuncia que o seu país vai aumentar o auxílio material aos movimentos de libertação nacional. A Suécia faz idêntica promessa.

Na Holanda, é promovido o boicote do café de Angola e lançada uma campanha de massas para a recolha de fundos destinados à compra de medicamentos e material escolar destinados às regiões libertadas pelo MPLA; outra campanha à escala nacional, extensiva a outros países, como a Filândia, a Suécia, a Dinamarca, a Noruega e a Inglaterra, terá lugar no dia 1º de Maio, com vista à recolha de fundos para os movimentos de libertação nacional.

Em França, o Socorro Popular envia 15 toneladas de medicamentos para o PAIGC.

Na Alemanha Federal, grupos de pequenos accionistas de empresas monopolistas como a Siemens, protestam nas assembleias gerais contra a participação daquelas empresas em Cabora-Bassa.

O Conselho Mundial das Igrejas toma posição contra os pro-

jectos de Cabora-Bassa e do Cunene.

Reagindo com incontida fúria ou com o silêncio ante tais factos, os fascistas-colonialistas não ignoram que eles lhes acarretarão crescentes dificuldades políticas, diplomáticas e até económicas.

### Os fascistas-colonialistas buscam maior apoio imperialista

Em Londres, onde a sua visita deu lugar a várias manifestações anticolonialistas, Rui Patrício não hesitou em classificar 11 anos de criminosas guerras como «um inesperado êxito» colonialista que só o «apoio» das populações teria tornado possível.

A mesma descarada inversão de situações vem de há muito a ser utilizada pelos altos comandos fascistas alardeando, entre as mentiras mais grosseiras, que as populações são vítimas de... actos criminosos dos patriotas!...

Porém, enquanto se gabam do «apoio» das populações, os fascistas-colonialistas multiplicam os «aldeamentos» (campos de concentração onde são aprisionadas as populações para que escapem à influência e contactos dos movimentos de libertação); intensificam a «acção psicológica» ou seja, o miserável e insistente convite à deserção e à traição dirigido aos patriotas e às populações; atacam a sanha bestial das forças repressivas e dos «comandos» contra os patriotas e as populações.

Sem dúvida que só com os seus próprios meios os fascistas colonialistas não poderiam ter perpetrado todos estes crimes levando a cabo as suas malditas guerras há mais de 11 anos. Mas os exemplos não faltam para mostrar que o apoio com que contam e sempre contam vem dos seus aliados da OTAN e de outros países imperialistas e racistas. Esse apoio real patenteou-se recentemente na satisfação de Rui Patrício após conversações com o governo conservador inglês, das quais não houve qualquer comunicado final, e na visita a Inglaterra do chefe do Estado Maior das Forças Armadas que imediatamente se seguiu; patenteou-se ainda na visita do governador-geral de Moçambique à África do Sul, precedida de sucessivas conversações secretas entre Kaulza de Arriaga, comandante-chefe de Moçambique e as autoridades militares de Pretória. Afirmando que o desenvolvimento económico e comercial entre Moçambique e a África do Sul «serviria em particular para financiar o fortalecimento do dispositivo defensivo de Moçambique no interesse comum de todos os países da África Austral», o governador-geral daquela colónia não esconde que é contra os anseios de liberdade dos povos das colónias portuguesas, da África do Sul, da Namíbia e da Rodésia que se estreita a sinistra aliança imperialista-racista-colonialista.

Nos dias 13 a 17 de Março realizou-se em Milão o XIII Congresso Nacional do Partido Comunista Italiano. O Congresso teve lugar num momento particularmente importante da vida política italiana. A dissolução do Parlamento acusou o fracasso da coligação centro-esquerda. Ante o extraordinário ascenso da luta da classe operária e das massas populares, a reacção procura reagrupar-se para reforçar as suas posições e impedir o avanço da democracia. O partido neo-fascista tenta criar, através de outros terroristas, uma situação de intimidação e intranquilidade. Actos esquerdistas e provocações policiais criam um clima de insegurança, que facilita as manobras da reacção e do fascismo. E neste clima que o P.C.I., com os seus quase 1.600.000 membros, mobiliza as massas populares e trabalha para unir as forças da democracia, apresentando uma alternativa para a actual situação.

O Congresso constituiu uma viva manifestação de unidade do Partido. Nele participaram 1.043 delegados e 122 delegados da Juventude Comunista. Estiveram também presentes 50 delegações de Partidos Comunistas e Operários e dos Movimentos de Libertação Nacional, entre as quais uma do Partido Comunista Português dirigida por um membro do CC.

Na saudação do CC do PCP ao Congresso, ao referir a luta em Portugal, afirma-se:

«A nossa luta dura e complexa é inseparável das realizações e da acção da União Soviética, principal bastião das forças revolucionárias. É inseparável do sistema socialista, força poderosa das transformações do mundo contemporâneo. É inseparável da luta da classe operária dos outros países, da acção dos partidos comunistas irmãos. Da luta heróica do povo vietnamita. Da luta dos povos árabes. É inseparável do movimento de libertação nacional e, em primeiro lugar, dos movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, dos quais somos inteiramente solidários. É inseparável, queridas camaradas, da luta que em Itália trava o nosso grande Partido, aliás particularmente sensível, dada a sua própria experiência, à luta dos povos contra as ditaduras que os oprimem».

Fora dos trabalhos do Congresso, a delegação portuguesa participou, junto com outras delegações, num comício realizado em Varese, cidade do norte de Itália. A terminar a sua intervenção neste comício, que foi frequentemente interrompida pela assistência com calorosos aplausos, o delegado português afirmou:

«É no espírito da luta comum que nos une, e fazendo votos para que se reforce a unidade do movimento comunista internacional na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, que se reforce e alargue a luta de todas as forças anti-imperialistas mundiais, que nós vos saudamos mais uma vez, queridas camaradas, desejando de todo o coração grandes êxitos na vossa luta, na luta da classe operária e das forças progressistas italianas, antes de tudo nas batalhas mais próximas, pelo reforço da democracia no vosso país, pela independência nacional e pelo socialismo».

### RECTIFICAÇÃO: No manifesto

to para o 1º de Maio da C. Ex.ª do C.C. do P.C.P. capitulou! «Fim da guerra colonial! Independência para as Colónias!» (2ª coluna, 9ª linha), onde se lê «irrecuperável» deve ler-se: irrecusável. No mesmo capítulo (verso, 5ª linha), em vez de «máquina de guerra», deve ler-se: máquina de guerra colonial. No cap. «Contra a dominação imperialista!» (1ª linha), em vez de «Fora com os exploradores», ler: Fora com os exploradores estrangeiros!





## O LENINISMO ARMA DE LUTA CONTRA O IMPERIALISMO

No dia 22 de Abril de 1870 nasceu Lênine. Continuador da doutrina revolucionária de Marx e Engels, tal como eles Lênine sublinhava insistentemente que a teoria não é um dogma morto, imutável, mas um guia vivo para a acção — daí a vitalidade, a actualidade permanente do marxismo-leninismo. A sua aplicação criadora às modificações da vida social, à evolução da luta de classes, à correlação de forças, às situações concretas em cada país, permite elaborar respostas científicas aos problemas que se colocam a todos os destacamentos do movimento revolucionário mundial, onde quer que actuem.

Foi aliando a teoria à prática revolucionária, foi na luta pelo derrubamento do tzarismo, no trabalho de organização do primeiro partido proletário de novo tipo, na sua experiência vivida de guia da primeira revolução socialista triunfante, no combate pela instauração e consolidação da ditadura do proletariado e na edificação da sociedade socialista na União Soviética, foi no fogo de todas essas batalhas que Lênine forjou os princípios que, ainda hoje, norteiam a existência e actividade dos partidos comunistas.

Ao concluir que o imperialismo, como capitalismo monopolista, é a « antecâmara da revolução social do proletariado », o que a Revolução de Outubro confirmou, Lênine comprovou na teoria e na prática a tese marxista-leninista do papel de vanguarda e dirigente da classe operária na revolução socialista, na construção do socialismo, na luta contra o imperialismo.

A Revolução de Outubro confirmou também a tese marxista-leninista de que a luta revolucionária do proletariado dos países capitalistas ajuda directamente a luta dos povos oprimidos contra os seus opressores: ao libertar-se da exploração do homem pelo homem, o proletariado russo ajudou também a libertação dos povos e nações até então dominados pela Rússia tzarista, inaugurando-se com o Poder Soviético um novo tipo de relações, com plena igualdade de direitos, entre os povos e nacionalidades na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Por outro lado, como Lênine acentuou, o imperialismo, época do capitalismo monopolista, é também a época em que algumas grandes potências, dirigidas por um punhado de financeiros, exercem a sua dominação sobre centenas de milhões de homens, os povos coloniais e dependentes do mundo. A luta desses povos pela sua independência é uma luta revolucionária que enfraquece, de-

sagra e socava as bases do imperialismo e, como tal, ajuda directamente a luta de emancipação do proletariado dos países capitalistas. Daí a tese leninista de que os interesses do movimento proletário e do movimento de libertação nacional das colónias exigem que estas duas forças do movimento revolucionário se unam numa frente de luta comum contra o inimigo comum — o imperialismo.

Na situação particular de Portugal, um país colonialista e ao mesmo tempo dominado pelo imperialismo estrangeiro, a luta anti-imperialista é simultaneamente a luta pelo derrubamento do fascismo e pela verdadeira independência nacional e a luta pelo direito dos povos das colónias à sua própria independência. O Partido Comunista Português coloca entre os seus principais deveres internacionalistas a luta contra a dominação de Portugal sobre os povos das colónias portuguesas, seguindo o princípio leninista:

*«o centro de gravidade da educação internacionalista dos operários nos países opressores deve consistir forçosamente na propagação e na defesa da liberdade de separação para os países oprimidos».*

O Programa do P.C.P. afirma: *«A autodeterminação e a independência dos povos das colónias portuguesas, que podem entretanto ser conquistadas por estes antes do derrubamento do fascismo, constituem um dos objectivos centrais da revolução democrática e nacional».* Esta firme orientação do P.C.P. sobre o direito à independência imediata dos povos das colónias portuguesas foi durante muitos anos, no quadro das forças antifascistas portuguesas, uma posição isolada.

A luta do povo português pela sua libertação e a luta que os povos das colónias vêm travando pela sua independência são lutas que mutuamente se ajudam contra o mesmo inimigo comum — o fascismo colonialista português e o imperialismo estrangeiro associados na exploração e opressão do nosso povo e dos povos coloniais.

Esta luta é parte integrante da luta dos povos do mundo inteiro contra o imperialismo.

## Uma importante batalha política na RFA

Uma grande batalha política está a travar na República Federal Alemã em torno da ratificação dos tratados concluídos com a URSS e a Polónia. Como se sabe, esses tratados reconhecem as fronteiras resultantes da 2ª Guerra Mundial e a sua inviolabilidade.

As forças reacçãoárias e revanchistas, animadas pelo imperialismo norte-americano e pelos círculos mais agressivos do imperialismo, desenvolvem uma intensa campanha e usam todos os meios de pressão e influência material e política para impedir a ratificação pelo Parlamento de Bona.

A decisão terá repercussões

## A causa da libertação do Vietnam triunfará

Insistindo em querer impôr condições inaceitáveis às delegações do G.R.P. do Vietnam do Sul e da República Democrática do Vietnam nas negociações de Paris, e abandonando estas, os agressores norte-americanos sabotam premeditadamente a Conferência de Paris em nome da intensificação dos bárbaros bombardeamentos ao território da R.D.V.. Isto é, fazem o mal e a caramunha.

Surpreendidos e confundidos com a poderosa ofensiva das forças de libertação do Vietnam do Sul em todas as frentes, os agressores ianques e os seus lacaios da camarilha de Van Thieu comportam-se agora como o ladrão apalhado em flagrante, gritando que o governo da RDV violou os acordos de Genebra, que o seu exército invadiu o Vietnam do Sul, que Moscovo é largamente responsável pelo prosseguimento da guerra e pelo desencadecamento da actual ofensiva, que os selváticos bombardeamentos aéreos e navais que levam a cabo contra a RDV têm por objectivo proteger os soldados americanos que se encontram no Vietnam.

Que se trata duma grande ofensiva das forças armadas da F.N.L. do Vietnam e não de uma invasão pelo exército da RDV, os próprios lacaios dos agressores se encarregaram de o confirmar.

Van Thieu, por exemplo, de-

clarou que se os «comunistas» conseguissem tomar as duas províncias de Quang Tri e de Thua Thien na «frente norte», «instalariam ali a capital do seu governo provisório». E notícias de Saigão confirmam que «os vietcongues intensificaram a sua ofensiva em todas as frentes».

A pretensa invasão do Vietnam do Sul por tropas da RDV não passou dum reles argumento norte-americano para justificar as derrotas dos seus fantoches «vietnamizados» de Saigão, os bombardeamentos selvagens à RDV, o apoio maciço da aviação norte-americana às tropas saigonesas numa tentativa desesperada para sustentar a ofensiva das forças armadas da FNL do Vietnam e justificar o prosseguimento da guerra.

Negociações sérias para pôr termo à guerra imposta pelos imperialistas americanos ao povo do Vietnam, deve ser a exigência imediata dos trabalhadores, de todos os patriotas portugueses, junto da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa, por meio de delegações, envio de telegramas, cartas, telefonemas, abaixo-assinados, etc..

Solidários com o mil vezes heróico povo do Vietnam condenamos os agressores ianques. Exijamos que ponham fim aos bombardeamentos à RDV — que tirem as patas da Indochina!

## SAUDAÇÃO AO XX CONGRESSO DO P.C. DOS E.U. DA AMERICA DO NORTE

*Na sua saudação, o C.C. do P.C.P., em nome dos comunistas e da classe operária de Portugal, sublinha que os comunistas norte-americanos lutam «no interior da principal cidadela do imperialismo e da reacção mundial» «pelos interesses vitais da classe operária contra o poder dos monopólios, pelos direitos dos negros americanos contra o racismo, pelo fim da criminosa agressão ao Vietnam, contra a política interencionista do imperialismo norte-americano, que age como gendarme mundial face à luta emancipadora dos povos de todos os continentes», salientando que a ditadura fascista em Portugal «goza do poderoso e interessado apoio dos monopólios e do militarismo norte-americano», que os comunistas*

*portugueses se sentem irmanados com a luta dos seus camaradas norte-americanos, fazendo votos pelo sucesso dos trabalhos do Congresso, pelo ulterior reforço do Partido e crescente amplitude da sua influência de massas, por novos êxitos na sua difícil luta.*

## José Carlos foi libertado

Liberdade para  
Ilídio Esteves,  
Rogério de Carvalho,  
José Magro,  
Úrsula Machado!

Com a saúde arruinada por longos anos de prisão, pelos maus tratamentos sofridos nos antros da PIDE e nas prisões e pela falta de assistência médica e farmacêutica eficiente, José Carlos acaba de ser libertado.

saudamos calorosamente o valoroso militante comunista e todos aqueles que em Portugal e no estrangeiro contribuíram, pela sua acção solidária, para a sua libertação.

Chamamos os trabalhadores, todos os democratas e antifascistas, a insistirem com mais energia e amplitude ainda junto do governo e a manifestar-se publicamente, pelas mais variadas formas, pela libertação imediata de Ilídio Esteves, José Magro, Rogério de Carvalho, Úrsula Machado, todos gravemente doentes,

## RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão, Das 8 às 8.30 em 19, 20, 20.8 e 25 metros. Das 24.20 às 24.50, em 25, 26, 32 e 36 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite também das 13 às 13.50 em 19, 20, 25 e 26 metros.